

EXPEDIENTE.

O necrologio do Exm.^o Sr. *Visconde de Asseca* somos obrigados, pela sua extensão, a retardal-o ainda uma semana. Esperamos que a pessoa, que teve a bondade de nol-o offerecer, nos relevará este apparente desprimor.

A segunda carta do Sr. *Isidoro José Gonçalves* sobre a seda, nada accrescenta de substancial á sua primeira que hoje apresentamos.

O artigo do Sr. *M. E. S. Almeida*, da Lourinhã, não nos parece assás interessante para entrar nos conhecimentos uteis, visto como a preconizada machina de mótu continuo imaginada por um francez e de que nós fallámos, parece ter parado em nada.

O excellente *communicado* sobre a *caixa economica central* só por não ter chegado a tempo de ser composto, é que não apparece já no presente numero.

A autopsia cadaverica de certo jornal *não politico* é na verdade escripta com um talento superior, chiste não vulgar e em geral, quanto a nós, com incontestavel justiça. Julgamos porém mais conveniente não a trazer a lume: se o *sacrista velho* como o auctor lhe chama e que tambem nós conhecemos, continuar a cartear, talvez então saíamos do nosso serio e n'um só mergulho lhe petrefiquemos os problematicos miolos, como fazem ás lesmas os Srs. *Secato* e *Baldarconi* do nosso artigo 3178. — Chama-se isto um *passo de largo* de sentinella que tem a arma carregada.

Para a semana daremos conta do queixume do Sr. *A. C. S.* que nos parece justo.

Por sua extensão somos constrangidos a addiar ainda a poetica *viagem a S. Marcos*, pelo Sr. *José Freire de Serpa Pimentel*, as duas proveitosas memorias dos Srs. *Coroneis Lapa* e *Varnhagen*, sobre as *ferrarias da Foz de Alge*, e a carta do Sr. *N. J. de Ourém*.

Pedimos desculpa a nossos leitores da forçada interrupção que fazemos da lenda nacional de *D. Sebastião-o-desejado*.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Esperamos que o governo sinceramente desejoso, como sabemos que o está, de promover a prosperidade publica, dará a maior attenção ao seguinte momentoso e urgente artigo, que pessoa, por todos os titulos respeitavel, mas cuja modestia nos veda nomeal-a, nos suplicou imprimissemos e commentassemos. Imprimimos-lh'o; mas quanto ao commentarmos-lh'o, por demais seriamos n'esse trabalho: as ponderações do auctor bem alto fallam e tudo que houveramos podido accrescentar-lhes — veses sem conto a todos os propositos e sobre todas as fórmulas se acha já repetido na nossa folha.

MINAS.

(Communicado.)

A preguiça morreu á sêde, andando a nadar!

3170 LANCE-SE a vista por esse Portugal todo, e suas colonias, olhe-se bem, para os immensos recursos que de todas as partes a Providencia nos prodigalisou: veja-se o desprezo que de tudo isto fazemos — e diga-se, se era tal terra para tal gente, ou tal gente para tal terra: não fazemos caso de nenhuma d'estas fontes de salvação, de vida, de riqueza e de opulencia: — de dia para dia e de hora para hora nos deixamos indolentemente ir rolando pela escarpa do precipicio, tendo tantos ramos onde nos apegar; tendo caminhos patentes e faceis para tornar a subir; tendo até asas para voar ás maiores e mais deliciosas alturas: a epigraphe, que prepuze-

mos, é uma carapuça que se enterra até ás orelhas nas nossas parvas e ruins cabeças.

Os recursos, que estamos malbaratando, occupados só em nos apuparmos como bebados uns aos outros, são taes recursos, tamanhos, tão certos e em tão incalculavel copia, que seriam necessarios volumes e volumes para os abranger: — por hoje só fallaremos e muito por alto das minas.

O *Diccionario das Origens*, escripto em Pariz, em 1777, no seu tomo 5.^o a paginas 39, diz textualmente o seguinte: — « Quando os Carthaginezes foram pela primeira vèz a Portugal, a prata era ahí empregada nos usos mais vis!!! »

Na bella obra *Beautés de l'histoire des Espagnes*, compreendendo toda a Peninsula, diz-se na sua introdução, — « ser tal aqui a abundancia do oiro, da prata, dos diamantes, das ametistas, das esmeraldas, crisolitas, agathas, turquezas, jacintos, safiras, ferro, chumbo, cobre, minio, vitriolo, antimonio, póphido, jaspe, sal marinho, e toda a especie de mineraes ricos, que ministrando a seus habitantes riquezas infinitas, tentaram a cubica dos outros povos, e prepararam uma luta, tão gloriosa, como sanguinolenta, onde quasi todas as nações do antigo continente, tomaram parte activa, e onde povos inteiros desapareceram. »

Diz tambem a paginas 12. — « que a prata e o oiro, que estas gentes fabricavam grosseiramente lhes serviam, para os usos mais communs da vida. »

Em outra parte accrescenta que « em Roma, nunca o oiro, a prata e outros metaes de valor abundaram tanto como no tempo em que os romanos estiveram senhores d'esta peninsula. »

Os nossos antigos historiadores são todos concordes n'este particular, chegando um a dizer — « que quem duvidar da riqueza das nossas minas, tem perdido o juizo; e que não é para tal gente, que elle escreve. » — N'esta nota de juizo perdido incorre hoje muita gente, que alias se tem em boa conta. Ninguem anima os esforços dos empreendedores que salvariam o paiz; é mais facil deixarem-se morrer na miseria do que moverem-se d'onde estão, ou attenderem á boa lembrança que não veio trasida por estrangeiros.

A' nossa mão, por um singular acaso, chegaram duas cartas, escriptas d'este reino para fóra por estrangeiros a patricios seus, nas quaes depois de se recommendar o maior segredo sobre o seu contheudo se dizia: — « Este paiz é de uma riqueza incalculavel em mineraes; elles se encontram por toda a parte abundantemente e dos mais preciosos: na viagem que eu tenho feito por todo o paiz, para bem o conhecer, tive muitos dias de marchar sem interrupção sobre minas seguidas; ainda nenhum cavallo, pisou tanto oiro e tanta prata, e por tanto tempo como aquelle em que eu viajava. Uma companhia bem estabelecida se tornaria senhora de uma riqueza inestimavel; juncto remetto tambem o projecto para esta companhia: devemos fazer tudo que esteja ao nosso alcance, para que ella seja unicamente formada de homens do nosso paiz; é provavel que estes portuguezes ignorantes nos façam guerra, porém se nós (como espero) chegarmos a montar a nossa companhia, nós os distruiremos em um momento, contando mesmo as companhias portuguezas que já se acham es-

tabelecidas. Incluindo as minas que por mim proprio examinei, eu tenho em meu poder uma relação de 457 todas virgens, que estão na mão d'estes hotentotes, etc.»

Para mais ajudar esta incuria e indolencia nacional, accresce: — Primeiro, que antes que se possa alcançar, o privilegio de uma mina, são taes as solemnidades da lei, as fianças, os informes, etc. de que para este fim se necessita, que os emprezarios esmorecem e largam tudo por mão: — E para que é tudo aquillo? para nada; — dar fiança; e para que? e quando ellas são tão difficéis, principalmente para a fazenda nacional; e porventura dá-se fiança á decima que cada um paga? não de certo: porque lá está o predio para responder; o mesmo deveria succeder com as minas: é preciso pois reformar a lei, cortando por estas enfadonhas e inuteis difficuldades.

Segundo. Alcançada uma mina e dispostos para isto os fundos necessarios, é preciso quem a fabrique: procuram-se para tal pessoas praticas e intelligentes no paiz; é de balde, mandam-se vir de fóra a péso de dinheiro; e mas o que é o que vem? ordinariamente charlatães; porque os bons per lá ficam; e como elles sabem pouco ou nada impondo sempre de saber muito, querem desfructar, mettem-se em cavallarias altas, gastam aos emprezarios rios de dinheiro com pouco ou nenhum resultado; segue-se d'aqui desanimarem estes: e como por cá se não sabem conhecer estas rasões, a desanimação pega-se como molestia contagiosa, e todos temem entrar em um negocio, que não só lhes daria ganhos enormes, mas até salvaria o paiz,

Para evitar isto deveria o governo, já já, mandar vir aqui d'Allemanha, ou da Suecia, homens de consumada sciencia pratica em mineralogia; e estabelecer cadeiras onde taes materias se ensinassem a fundo; para isto não se deve olhar a despezas, porque se tracta de gastar cinco para colher milhões. Este requerimento o havemos assim por feito ao governo, rogando-lhe o não despreze, porque é interesse d'elle, do reino e dos particulares.

Na semana que findou, ouvimos, foram postas em movimento com feliz resultado algumas das machinas, que os Srs. empresarios da mina de azougue de Coima mandaram vir para a sua apanha.

A companhia — Empresa das Minas — cujas acções de um conto de réis cada uma, foram todas rapidamente tomadas, consta-nos, ser possuidora de importantes minas de ouro e prata, e que marcha com muito tino e bem pensado systema.

Pedimos ao governo, que, cortando por todos os embaraços, favoreça taes empresas, e por este modo dê vida ao paiz, que tanto d'ella carece.

COMO SE DEVE ACCUDIR A TRAZ-OS-MONTES POR MEIO DA SEDA.

(Carta.)

3171 É NOTORIA a assolação que esta provincia padeeu com a morte dos seus olivedos. Os ricos estão pobres, os pobres morrem á mingua. A natureza do terreno — o desabrido do clima — o mau estado das estradas — a falta de rios navegaveis, e finalmente o concurso das causas que fazem os paizes pobres, e que infelizmente se verificam n'este, fecham a porta a todos os recursos. Esperar a ressurreição das oliveiras parece sebastianismo: ainda se ignora

toda a extensão do mal; mas sabe-se já muito bem que em muitos sitios muitas oliveiras não podem voltar á vida, e algumas que ainda poderão convalescer, será só em proveito dos netos da geração presente.

Mas existe ainda aqui um pequeno ramo de cultura, que, melhorado, poderia dar algum socorro. — É a criação dos bichos da seda, que tanto se tem elogiado, e mesmo favorecido por escripto, mas é necessario que do escripto se passe para as obras. Muitos são os obstaculos que empecem a esta cultura, porém os principaes são — não terem os habitantes casas accomodadas ao intento, apenas uns pobres albergues mal reparados onde cosinham e dormem misturados com os seus bichinhos, e a incostancia e desabrimento do clima. Accresce que a pobreza dos que tem esta curiosidade, não lhes permite o terem amoreiras suas, tomam-n'as de renda: em dando nos bichos mortandade, é quasi sempre quando estes estão no ultimo quartel da vida, e já se tem com elles despendido todo o trabalho e dinheiro.

A despeito de tudo isto, ainda a seda nos poderia valer de muito, se este negocio não andasse monopolizado em quatro israelistas pecuniarios, a quem a pequenez do seu numero dá a facilidade de se conloarem contra um esquadrão de desgraçados, que com as lagrimas nos olhos vão offerecer o mesquinho fructo de seus suores, que os compradores desdenham insultando a pobreza dos mesmos, e só se resolvem a comprar por vil preço, que não chega para pagar a renda das amoreiras. Que ha-de fazer o pobre? — vende pelo que lhe querem dar; — queima a sua fazenda: é a fome de mulher e filhos que o obriga: — não ha que dizer. Em consequencia d'estas artes e conjuração dos compradores, tem-se chegado a vender seda fina a 1\$800.

Estes males não se podem curar senão resolvendo-se o governo a metter aqui o seu braço; contramimando o monopolio ou por meio de uma convenção com os contractadores do tabaco, ou com a companhia da agricultura das vinhas do Douro, ou estabelecendo um banco rural; ou por outro meio que o zelo e superiores luzes do mesmo governo possam suggerir, estabelecendo um regulamento que concilie os mutuos interesses dos compradores e vendedores.

Queira pois V. levantar um brado a favor dos miseraveis interessados; um brado que faça esperar e mover a philantropia, e maternal comiserção de nossa augusta rainha já por tantas vezes manifestadas em socorrer os desgraçados; e caso nada se obtenha, sempre fica a gloria de ter pugnado a favor dos indigentes e opprimidos contra os seus opressores.

Um Transmontano amigo dos Pobres.

N. B.

Que póde a Revista accrescentar a tão sensatas proposições e tão conformes com o que ella mesma tem por tantas vezes requerido e solicitado! Temos fé em que o governo de Sua Magestade não só ha-de olhar senão que já olha para isto com attenção e amor. A amoreira é a arvore da vida para Traz-os-Montes e para todas as provincias: — a amoreira é que ha-de ser agora a nossa Asia, a nossa Africa e a nossa America: — o fio da nossa futura existencia é o fio da seda; todos o presentem, todos o pregoam, to-

dos o desejam ver cumprido, muitos principiaram já por sua parte a realisá-lo.

Se o governo remover quanto poder os estorvos, se os opulentos, incitados pelo governo, metterem mãos á obra sancta, tornará a andar para diante a desandada roda da nossa fortuna. — Mas porque a esses auxilios que hão-de versar sobre o consumo tem necessariamente de preceder a criação, que por ser de arvores, não depende só das vontades mas do tempo — convem que todas as camaras municipaes, em que o amor da patria, a caridade, o juizo não forem de todo mortos, se afervorem desde já em plantar a maior copia possivel de boas amoreiras nas praças, caminhos e baldios, para uso commum de quantos as queiram desfolhar; e para as darem de graça; e para as offerecerem com instancia; e para as embutirem quasi até contra vontade nos predios dos incuriosos.

Esta despeza é pequena, mas grande que fosse, deveria fazer-se logo com alegria, com alvoroço, com prodigalidade, com mãos rotas. Com ceitís de cobre se haverão semeado moedas de oiro para os netos, para filhos e já tambem para nós em poucos annos.

SOBRE A FIAÇÃO DA SEDA.

(Carta.)

3172 PARA provar a veracidade do meu artigo 3007 da *Revista*, basta apresentar hoje o resultado de uma carta que escrevi ao Sr. *Pires*, pedindo me informasse se ainda continuava a cultura e fiação de seda na provincia da *Beira Alta*, o qual teve a bondade de me responder immediatamente, dizendo-me que só em dous concelhos se fabricáram 140 a 150 arrobas de seda, e que até chegam a ficar por vender algumas arrobas d'uns annos para outros.

Ora á vista do que elle me diz, já se vê, que a cultura da seda não é desconhecida por aquella provincia, e isto ha muitos annos; e por conseguinte o progresso a que tem chegado. As amoreiras lá são d'uma grandeza immensa, não só por terem bastante idade, como tambem pela bondade do sólo para aquellas arvores. Além d'isso é rara a casa, que se não occupa na fabricação da seda, d'onde tiram um resultado pecuniario maior ou menor conforme colhêram; sem que para tudo isto seja preciso empregar grandes processos e muitos machinismos. O processo ainda hoje lá usado, é o que foi expellido no artigo 3007 da *Revista*, sem que até ao presente haja tido alteração alguma.

Agora o caso todo está em vender a seda, o que n'essa provincia é facil, — emquanto cá em Lisboa chega a faltar quem queira comprá-la; a razão d'isto não a sei; todavia tenho para mim que o governo ha de coadjuvar, no que poder, esta importante cultura, e que então haverá muito quem se dê a esse trabalho.

Apresentarei agora o resultado da cultura da seda em poucas terras da provincia da *Beira Alta*: — Mangiolo 5 arrebas, Lameiras 4, Pereiro 6, Gamellas 6, Seropires 4, Azinhal 12, Sufordão 8.

Devê-se advertir, que algumas d'estas terras são muito pequenas.

Isidoro José Gonçalves.

N. B. Agradecemos ao nosso laborioso correspondente as suas noticias a respeito da cultura da seda;

quanto porém ao que repete sobre o modo de se ella fiar, o que elle só parece conhecer por informação, permittir-nos-ha, que não podendo julgar por nós mesmos este ponto, tomemos por ora, como partido mais seguro, o irmos com o Sr. *Tinelli*, que ha tantos annos se occupa n'isto, e com tão brilhantes resultados, na Italia, nos Estados-Unidos e em Portugal.

Outro cavalheiro, que ha tambem annos não tracta se não de seda, e que é porventura o portuguez que hoje sabe mais em tal materia, consultado por nós sobre esta questão, nos affirmou — que a razão estava inteiramente por parte do Sr. *Tinelli*, mas que o erro do Sr. *Gonçalves* tinha uma facil explicação; porque o refugo dos casulos realmente se ferve para ser fiado; e foi talvez essa operação a que elle viu ou de que ouviu fallar: quanto aos casulos de primeira e segunda sorte, se na Beira os fervem, commettem uma barbaria altamente reprovada por todos os escriptores e praticos da arte seropédica; provindo talvez só d'ahi a ruim fama, escassa venda e preço infimo da maior parte das sedas de Portugal.

Esta questão incidente dal-a-hemos aqui por terminada.

MODO DE DESTRUIR A GRAMA DAS SEARAS.

3173 PRAGA amaldiçoada de lavradores é a grama, importuna e não convidada hospeda das searas. Boa nova daremos pois aos cultivadores de trigo, se lhes dissermos que se julga haver atinado com remedio para exterminar a grama. E' o *Mémorial, Revue Encyclopédique* no seu numero de abril quem na col. 244 nol-o refere assim: —

« M. *Lezeret de la Maurinerie* reparou em que o vegetar da grama era quasi subterraneo; e que nenhuma planta necessitava tanto de ar e humidade como esta. — Occorreu-lhe que se lhe tirassem a humidade e o ar provavelmente a destruiriam. Semeou de ervilha negra um chão inçado de grama; queria para a submergir lavrar de novo o terreno por causa das chuvas que sobrevieram; e como as ervilhas estavam perfeitas ceifaram-se: e ceifadas ficaram estendidas na terra: quando depois se lavrou, descobriu-se que já alli não apparecia grama, emquanto n'um campo visinho, onde não tinha havido ervilhas se encontrava mais abundante do que nunca: d'onde se inferiu que uma cultura espessa, cortada e juncando o terreno até que o seu restolho haja apodrecido, é para as grammas morte certa. »

GUERRA AOS PARDAES.

3174 Todos os que tem searas padecem consideraveis prejuizos com os pardaes: este anno caíram elles com grande força sobre os trigos de Campolide e suas visinhanças. Pelas provincias são estas aves das mais damninhas; e por isso bom seria ver se se diminuam estes ladrões dos pães, centeios e cevadas.

No anno passado experimentei eu uma mistura de um pouco de rosalgar bem moído com massa de brôa de milho, de que lancei pequenas bolas onde não chegassem animaes, nem aves domesticas. Observei que entraram a picar e levar d'aquillo para differentes partes, d'onde inferi, que o tomavam para biscato dos filhos. Observei mais que para um pombal se recolhiam com a tal comida, mandei-os espreitar, e com effeito se viram lá mortos alguns pardaes novos.

Lembro que também se poderia tentar para este mesmo fim a receita, que a *Revista* aconselhou para exterminação de ratos, a saber, a cebola albarã, que sendo cozida com milho, trigo, ou cevada, pon-do-se nos sitios proprios deve matar os pardaes novos e talvez os velhos.

A experiencia não custa muito; e feita com cuidado, será innocente pelo menos. Provavel é que estes e semelhantes mixtos aproveitem também contra outras aves ladronas, como pégas e gaios que são coriscos nos milheirões.

VINHATEIRO.

3175 O TRACTADO do Sr. Francisco Ignacio Pereira Rubião, ha tempos annuciado, com o título de — O VINHATEIRO, OBRA EM QUE SE TRACTA DA CULTURA DA VINHA, DA FABRICAÇÃO, CONSERVAÇÃO E DESTILLAÇÃO DO VINHO — começou enfim a sair á luz. O nome do seu auctor, o notorio da sua consumada sciencia e escrupulosa consciencia em materias agronomicas em geral, e em particular n'esta, fazem que deva ser tal noticia um acontecimento notavel e fausto para um paiz, cuja principal cultura, ha muitos annos, cujo maior rendimento ainda hoje é a vinha: paiz a que fabulosa, mas não impropriamente se attribuiu por fundador e nominador um filho de Baccho.

Pessoa de todo o voto na materia, a quem havemos consultado sobre este começo de um escripto, que não poderiamos avaliar por nós mesmos, nos confirmou na idéa, que por muitas razões já antecipadamente haviamos feito d'elle.

Propondo-se tractar — 1.º da cultura da vinha. — 2.º da vinificação e questões que lhe dizem respeito. — 3.º da destillação tanto do vinho como das fezes e vinhaço, o Sr. Rubião não só consultou e seguiu os melhores escriptores d'essa especialidade, nacionaes e estrangeiros como elle confessa, o Dr. Rebello, o Dr. C. B. L. Lobo e Girão, Bose, Chaptal, Lenoir e Cavoleau, mas guiou-se com as luzes que lhe deram durante a sua estada em França as conversações, que teve com os enologos eminentes, e a sua observação ocular dos trabalhos praticos dos vinhateiros.

Este primeiro folheto, que annunciamos, contém 130 paginas em oitavo grande: os outros de igual volume se irão seguindo com pequenos intervallos. O preço de cada folheto é de 360 réis.

COUVE DO ALGARVE.

3176 A CHAMADA couve do Algarve, communissima n'aquella provincia, merece ser generalisada em todas as outras.

Ao zelo do nosso amigo, o Sr. José Joaquim Ramalho, de Faro, somos devidores de uma porção de semente d'ella, que n'este escriptorio se distribuirá pelos primeiros dos nossos assignantes, que a pedirem.

Quanto á sua cultura, eis-aqui as informações que leve a bondade de nos dar o Sr. Bramão.

No Algarve semeiam-n'a de março a abril, preparada primeiro a terra com estrume cortido: depois de nascida dão-lhe agua: se a terra o pede, continúa a regar-se de oito em oito dias: quando chega á altura de palmo, o que vem por junho, transplanta-se para onde ha-de ficar, guardada entre pé e pé a distancia de tres palmos, e réga-se, se se vê que é necessario: sacha-se, monda-se da herva e estruma-se: continua-

se-lhe a acendir com agua enquanto não chove. Lança folhas grandes e muito largas: por outubro começa a fechar por maneira que fórma um repolho muito duro e volumoso e tanto mais quanto mais bem tractada. O frio não lhe faz mal. É muito doce, amarella por dentro, côr de gemma de ovo.

Faz-se com carne de porco, com feijões etc. É também optima para esperregado com manteiga e pimenta. No Algarve dura ordinariamente até ao entruado.

Dá-se muito bem em Tras-os-Montes; nos arredores de Lisboa também, e em Collares optimamente, porém a experiencia tem mostrado que por aqui deve semear-se na lua de julho, e transplantar-se no fim de agosto, ou principio de setembro para receber as primeiras aguas da terra. Assim se tem feito no sitio de Bemfica, e outros. Também ha quem a tenha semeado em diversos tempos, e cria-se bem. Em um hortejo em Pedroços houve no anno passado tres d'estas couves que pesaram tres arrobas menos arratel e meio, segundo disse o rendeiro um velho — *Neves*.

DIAS DE JEJUM.

3177 A PROVEITOSA redução, que pelos meios canonicos se acaba de fazer em o numero dos dias sanctos para a igreja lusitana, permite-nos esperar que pelos prelados do reino ou pelo summo pontifice, no caso em que elles só per si a não queiram effectuar, o nosso governo facilmente conseguirá a diminuição dos dias de jejum.

Bem sabemos que a abstinencia — assim de quantidade como de qualidade de alimentos em certos dias ou prazos do anno, não só é um preceito ecclesiastico, mas também um dictame higienico, já antes do christianismo intendido e praticado por muitas seitas philosophicas; — que os mahometanos e os povos idólatras da India e da China o costumam, como o costumavam os antigos hebreus; — e que não faltam nos sanctos padres e nos concilios exhortações e canones em favor d'esta pratica, tão prestadia á saude como aos bons costumes: todavia não é menos certo que o preceito da abstinencia no catholicismo não é d'aquelles, que pela sua intrinseca essencialidade não consentem alteração; tanto assim que o numero e rigor dos jejuns não só de reino para reino catholico é diversissimo; senão também muitas vezes, dentro no mesmo reino, de bispado para bispado e dentro no mesmo bispado de seculo para seculo: logo o pertender introduzir n'esta parte reformação, nem será novidade inaudita nem temeridade como se respeitem as regras, se não quebrem os vinculos da obediencia e sugeição, se não levantem, os que só devem obedecer, para colherem o fructo prohibido, mas o recebam livremente offerecido da mão de seus naturaes dispenseiros, que são os prelados.

O unico ponto que se deve maduramente examinar é se sim ou não, convem no estado e circumstancias presentes alliviar os fieis de alguma parte d'esta obrigação. Quanto a nós, intendemos que sim, e o porquê, eis-o-aqui em poucas palavras.

Perto de cento e quarenta são os dias de abstinencia do nosso calendario, numero, que já se vê, não pôde pela sua exorbitancia conformar com o diminutissimo fervor da nossa idade; o resultado é que geralmente não só se não fazem todos estes 140 sacrifi-

cios, mas até se não fazem nenhuns de tal genero, por tantos se haverem exigido: o primeiro passo no caminho da desobediencia leva pelo commum á desobediencia absoluta e assentada: logo para esta maioria, já de facto rebelde e que já não póde nem pela sua-soria, nem e muito menos pela força — porque o tempo da força em materias puramente do espirito está passado, — ser reconduzida á primitiva observancia d'esta pratica disciplinar, esta grande maioria lucrará muito em ser alliviada das consequencias de um peccado, que ella já não quer nem póde deixar de commetter.

Não nos venham aqui com a resposta feita, que anda sempre á mão na algibeira dos fanaticos: — «se porque esta lei é desobedecida deve ser tirada, tirem-se todas as leis a que se desobedece, e cairemos na anarchia religiosa e social:» — não, as leis universaes, que teem por base a natureza real das coisas, não estão no caso das particulares, em que mil circumstancias fortuitas influem, que se deixam desobedecer pela maioria e que, no seu mesmo progressivo enfraquecimento, estão descobrindo a sua mortalidade: os preceitos do decalogo nem a igreja os poderia revogar: — o matar, o adulterar, o furtar, o desacatar pae e mãe, hão-de ser eternamente actos illicitos porque as leis que os condemnam ambas são divinas e irrevogaveis; a saber, a natureza demonstrada pelo sentir commum, e a vontade de Deus expressa pelos seus mandamentos escriptos. — Poderia dizer-se outro tanto d'este e de alguns outros mandamentos da igreja? o que só Deus immediatamente poz, só Deus o póde tirar e não o tira; mas o que foi posto pela igreja em certas e determinadas circumstancias, bem póde, acabadas ou mudadas essas circumstancias, ser por ella abolido ou reformado.

Mas a nossa respeitosa representação não se funda só n'este primeiro argumento, de estar o preceito para a maioria morto ou abolido de facto.

Concedendo que ha ainda muita gente que o venera, e d'elle se desempenha, intendemos que por isso mesmo se deve ainda mais depressa decretar a, de todos, desejadissima redução. Individuar aqui explicações seria repetir o que todos sabem: em geral apenas diremos — que 140 dias de magro forçado, não só para as terras sertanejas mas ainda para o povo pobre das costas do mar, são um erro economico e talvez outro higienico não menor: quem tem vivido pelo interior das provincias sabe o como em dias taes ali se alimenta o povo, cujo maior banquete, quando transcende da sardinha e cavalla quasi sempre derrancadas, indigestas e reimosas, é o bacalhau e com preferencia o estrangeiro. Quantos centenares de contos de réis nos não pescam n'estes 140 dias, n'estas 280 refeições de tantas mil cazas, os nossos doirados pescadores da Terra Nova? Não temaes que os protestantes inglezes com as novidades religiosas, que nos pertendem introduzir, mandem tambem alguma homilia contra os dias de jejum: — pelo contrario, esta pratica bem que para si a não queiram, hão-de procurar, por via dos seus doctores evangelisantes, arrega-la cada vez mais no seu Potosí de Portugal. O phantasma inglez está de dia e de noite diante de nós com a biblia falsificada na mão esquerda, e o bacalhau na direita; repulsemos um e outro presente: a sua biblia por nós mesmos, o seu bacalhau pelos nos-

soz pastores e defensores. Tambem cá temos bacalhau, tão são como o seu, tambem cá temos biblia mais sã do que a sua; — que se vão nas boas horas com ambos os seus presentes de Danaos.

IMMORTALIDADE MATERIAL.

3178 A ANCIA da immortalidade é congénita á nossa natureza: em tudo e sob mil aspectos diversos se patentêa: — queremos perpetuar as nossas acções em monumentos, o nosso nome pela escripta, o nosso corpo tomando á natureza, com que lhe vençamos, a potencia destruidora: uma só piramide do Egipto prova tudo isto; a vontade de um homem revolve todo um povo n'uma edificação de muitos annos, — e que deixa elle ao mundo a cabo de tanto lidar? — pedras junctas para attestarem aos seculos que elle existiu; jeroglyphicos para lhes dizerem, se podérem, o que elle pensou, e dentro de tudo aquillo uma múmia, o protesto do seu mesmo corpo contra a destruição.

O embalsamar era no Egipto uma necessidade religiosa, um documento, se outros faltassem, da crença da immortalidade: — nos povos modernos emquanto christãos, o dogma da infallivel ressurreição phisica fez olhar como superfluo este euidado despendioso e importuno; — mas o que o principio religioso já não faz, tornou em parte a fazel-o a cobiça da sciencia. Não se embalsamou para a veneração, mas embalsamou-se para o estudo: — para elle se desejaram enthesoirar todas as partes do cadaver humano e os cadaveres dos outros animaes.

Desde os tres systemas de embalsamar, usados pelos egipcios, e de que um historiador nos conservou a descripção, innumeraveis outros se haviam tentado, experimentado e succedido alternativamente até ao processo de M. Gannal, o injector, e ao do M. Pigné, o mergulhador em creósota, processos que os nossos leitores já conhecem.

O italiano *Secato* possuia um segredo da sua invenção, com que petreficava qualquer substancia animal dura ou molle; o seu segredo porém morreu com elle. *Baldacconi*, preparador do imperial museu de *Viena*, surte hoje o mesmo effeito com o sal ammoniaco, unido pela via humida ao sublimado corrosivo, pelo mesmo processo que se emprega para fazer o sal triple, a que chamam d'*Alembroth*.

Os primeiros objectos, que elle mergulhou n'uma solução d'este sal, sobrenadaram a principio, depois foram-se affogando manso e manso, até que dias apóz tinham pousado no fundo da vasilha: sacou-os e viu as suas esperanças realisadas; — tamanha solidez tinham ganhado, que podiam ser pulidos; o martello só muito a custo entrava com elles; e quando se chegavam a quebrar era em lascas angulosas; o seu peso especifico excedia cinco ou seis vezes ao da agua; eram emfim tal materia e tão parecida a mineral, que, em se lhes batendo, davam som.

As partes anatomicas ou animaes, que saem de tal banho, conservam as suas côres proprias, não padecem alteração alguma, e ficam logo promptas para guardar. Entre os muitos e perfeitissimos preparados que elle tem feito para aquelle museu, até os ha de lesmas, bichos de seda, percevejos e muitos animaes gelatinosos. Por isso recommenda e com a maior affoiteza, que experimentem e adoptem logo em toda a

parte a receita para enriquecerem os museus de historia natural e os gabinetes anatomicos, e até para satisfacção de curiosidade e mil usos de salla, toucador, etc.

LIVROS BARATOS.

3179 CONSTA-NOS que a Bibliotheca Publica de Lisboa se está intendendo directamente com algumas das principaes casas de commercio de livros estrangeiras, para se fornecer das obras modernas mais indispensaveis nas sciencias e litteratura, — e que tem toda a esperanza de as conseguir por preços incomparavelmente inferiores aos dos proprios catalogos dos livreiros de França, Inglaterra e Allemanha.

Este systema, evidentemente preferivel ao seguido até hoje, de comprar em terceira ou quarta mão e dar muitas vezes cem pelo que só custaria primitivamente cincoenta ou vinte e cinco, deixa-nos esperar — que viremos annualmente a adquirir o duplo ou o quadruplo, do que até agora apenas recebiamos de instrucção estrangeira.

Uma tal vantagem porém não se devia limitar á capital. Todas as Bibliothecas Publicas do reino, que tivessem dinheiro para empregar em compra de livros, deveriam adoptar por si mesmas igual expediente, ou, melhor ainda, remetter as suas encomendas á direcção da Bibliotheca Publica de Lisboa, que ouvimos está resolvida a encorporal-as na massa das suas proprias, no que haverá beneficio de parte a parte, porque quanto mais avultadas forem as encomendas tanto maior deve ser o abatimento para cada fracção d'ellas.

Por derradeiro, e por esta mesma razão nos parece, que não deveria haver duvida alguma na direcção da Bibliotheca Publica, em tornar extensiva esta commodidade a todas as sociedades scientificas e litterarias, ou pessoas particulares estudiosas, que d'ella se desejassem aproveitar, para augmentarem, sem grande sacrificio, as pequenas bibliothecas do seu uso.

Offerecemos este additamento ao plausivel alvitre da direcção da Bibliotheca Publica, esperando que não tardará em generalisar o mais possivel o seu offerecimento e convite para um mercado de tão manifestas vantagens.

VARIÉDADES.

COMMEMORAÇÕES.

D. JOÃO DE MENEZES EM LARACHE

24 DE JULHO DE 1504.

3180 « D. João de Menezes, capitão-mór de Arzilla em Africa, entra n'este dia no porto de Larache com seis caravellas, e accommette n'elle a certas gallés e galliotas de moiros, que pouco havia tinham tomado algumas náus nossas, que tambem tinham n'aquelle porto: e á força d'armas rendeu uma gallé real do alcaide Almandarim, e a queimou depois de uma bem travada peleja, em que morreram muitos moiros, ficando grande numero de feridos, e todos os mais foram desbaratados, de maneira que D. João pôde trazer cinco galliotas, e dois bergantins, e uma das nossas caravellas sómente; por não estarem as outras em parte

« conveniente a mais, que a lhe pôrem o fogo, com que arderam. » *Mariz, Dialog. 4.º Cap. 17.*

UMA VIAGEM DE DUAS MIL LEGUAS.

APONTAMENTOS — REMINISCENCIAS.

I.

DE LISBOA A GIBRALTAR.

« Brandas aguas do Tejo, que passando
Por estes verdes cumpos, que regais,
Plantas, hervas, e flores, e animais,
Pastores, nimphas, ides alegrando:

Não sei (ah doces aguas!) não sei quando
Vos tornarei a vêr; que magoas tais,
Vendo como vos deixo, me causais,
Que de tornar já vou desconfiando. »

Camões. — Sonetos.

3181 ; E como placidas que desciam n'esse dia 30 d'agosto de 1839, em que embarcámos, um pouco antes das 5 horas da tarde, no vapor inglez *Tagus*, capitão M. Leod! — Era um partir-se o coração de pungente saudade ao separar-nos, por annos, para sempre talvez... da patria, da esposa, dos amigos — *de tudo quanto nos é mais caro*, — para trocar a suavidade deliciosa de nossos doces climas pela insalubre ardencia dos tropicos! Sobre a dor do lance — como que um funesto presentimento nos presagiava talvez as contrariedades e desgostos, que mal aventurado destino nos apparelhava n'essas longinquas regiões! — Eram nossos companheiros de viagem o Exm.º Barão do Candal, nomeado governador geral da India, e os officiaes do seu estado maior, os Majores José de Sá Nogueira, e Manuel Corrêa da Silva e Araujo, e o capitão José Maria Delorme Collaço, cuja visivel commoção lhes accusava a perturbação do animo. — A hora é solenne; e por menos apêgo que se tenha ao torrão natal, ao largar d'um extremo do mundo para outro extremo, apartados por largos continentes e mares vastissimos, mal pôde o futuro deixar de se antolhar como entenebrecido de contingencias indefinidas, e assustadoras. — ; Ainda não eram cumpridos oito mezes da missão que fôra confiada ás virtudes e experiencias do nobre general, e já elle cessára d'existir! — A seu temperamento e a seus habitos era infesto um clima tão quente e humido. — Varão justo, e conciliador: — a sua morte teve para aquelle paiz consequencias funestissimas.

Encostados na amurada do vapor, fixámos por algum tempo os mal enxutos olhos sobre a grande cidade, enjos templos, palacios, e cazarias estendidas pelos valles, e suspensas nos montos produzem um aspecto soberbissimo, e magestoso, realçado pelo matiz das hortas e jardins, que lhe dão um colorido encantador. Ella parecia debruçar-se sobre as aguas, e exprobrar a filhos ingratos o desprezo de seus favores! — Soou a hora de levar ancora, e logo tudo em derredor se moveu em differentes direcções: — a cidade primitiva, a conquista de Affonso Henriques, sumiu-se em continente, rodando quasi inteira, e deixando apenas á vista, como átalaias do rio, as muralhas, e albarrãas da vetusta Alcaçova. O littoral nos

fugia parallelo d'uma e outra banda, e tudo quanto viamos, ao perto e ao longe, mudava de situação relativa com tal rapidez, que mal tínhamos tempo de distinguir a variedade das perspectivas, a qual mais bella, mais extensa e pittoresca.

Entretanto a sineta chamou os passageiros para a meza, que foi servida, no gosto inglez, com profusão e aceio. — É bem sabido actualmente, que os vapores, que se empregam na carreira d'Inglaterra para Gibraltar, e d'este porto para os de Malta e Alexandria, são verdadeiros palacios fluctuantes, nos quaes a riqueza dos adereços, as commodidades sumptuosas dos aposentos, e o luxo da mesa em todos os sentidos, se disputam primasias, — impertinentes fariam, portanto, aqui miudas descrições. — O *Pachá* se brepuja a todos na magnificencia do serviço, e decorações, que o embelezam. — É uma homenagem, e não desinteressada porventura, dos inglezes ao genio de *Mehemet-Alli*, cujo busto adorna a proa.

Pelas 7 horas já tínhamos dobrado o cabo d'Espichel; — e na madrugada seguinte estavamos á vista do celebre promontorio de S. Vicente, cuja extremidade é a ponta mais occidental da Europa; açoitada quasi sem interrupção por ondas tumultuosas e bravias, que parecem enfurecer-se contra a inercia de suas altas e fragosas ribas. Ao alvorecer d'este dia (31) subimos ao convéz, não só porque a bórda o ar matutino tem certa novidade, e doçura, que deleita e anima, senão para gozarmos do formoso espectáculo da apparição do grande astro, que preside ao dia, e vivifica a natureza. — De momento para momento o crepusculo se torna mais transparente, e puro, e como que perfumado; — as nuvens d'oiro pálido, que orlam os horisontes, mais limpidas e fulgorosas; — o céu mais alto, e azulado, até que assoma, no oriente mais apartado e incendiado, um ponto lusidissimo, que para logo começa d'engrandecer-se e levantar-se, estendendo sobre as aguas um listão trémulo, e scintillante, que dissereis composto de reverberos sem conto: — succede-lhe um segmento de fogo, que abraza os céus, e purpurèa os mares; — e por fim surge inteiro o disco flammejante, que derrama torrentes de luz *indiscriptivel*, e christalisa a liquida immensidade, testificando ao espectador enlevado, e commovido, a sabedoria incomprehensivel do Divino Creador de outros tantos lizeiros, que allumiam milhões de mundos! — O prazer ineffavel d'esta scena tão grandiosa penetra a alma e sentidos com a mesma intensão e voluptuosidade.

Todo o dia corremos ao longo da costa do Algarve, mas em distancia, que mal permittia enxergar as povoações que a orlam; — o tempo sempre bello, e o mar chão. — Pelas 9 e meia da noite fundeou o *Tagus* na bahia de Cadiz, tão conhecida, e nomeada desde bem remota antiguidade. — Dormimos a bordo; e pela manhã nos foram concedidas só duas horas para ver a cidade. Os edificios, em geral, são bem construidos; e magnificos os que pertencem ao governo; — as ruas bem calçadas, e limpas. As cazas são cubertas de terrados com sóteas, o que lhes dá uma apparencia agradável. O passeio publico, á borda do mar, tem lindas perspectivas; a praça principal é moi airosa, e guarnecida de columnellos de pedra, ligados com cadêas de ferro. Na cathedral, e em outras egrejas nos asseveráram haver originaes de Mu-

rillo, e d'outros pintores nacionaes; mas não tivemos tempo de os visitar.

Da bahia que diremos que se não saiba? Nos seguintes termos a descreve, com verdade, e de relance, um escriptor aprimorado. « *Róta* com as suas terras altas até ao castello de Santa Catharina á esquerda, — o plaino até ao porto de Santa Maria, — *Medina* com suas montanhas centraes, — *Porto-Real*, e *Carraca* com o *Trocadero* formando a bahia interior, — a bonita villa da ilha de Leão no fundo, e a larga calçada que vem fechar em Cadiz, á direita, apresentam, ao entrar do porto, uma scena esplendida, á qual dá vida a movediça mulidão d'embarcações de todos as lotes. » — *Róta* e Santa Maria são logares de recreio para os habitantes de Cadiz, como a *outrabanda* para os de Lisboa; — *Carraca* é uma pequena ilha, que serve d'arsenal, — o *Trocadero* outra em que os navios se concertam, e construem. — A ilha de Leão figura grandemente na historia d'Hispanha por factos d'este seculo; e perto lhe corre o rio Guadalete, em cujas margens, juncto de Xerez, foi vencido, e desbaratado o ultimo rei dos Godos pelas hordas mauritanas, na famosa jornada, que deu aos barbaros o senhorio, quasi inteiro, da Peninsula Hispanica.

Levámos ferro de Cadiz pelas 8 da manhã do 1.º de setembro; e ás 4 da tarde d'este mesmo dia, surgimos na enseada de Gibraltar, tendo passado bem á terra do cabo de Trafalgar, que recorda o glorioso fim de Nelson, e de Tarifa, em cujas visinhanças um dos nossos Affonsos eternizou sua memoria, com feitos assignalados de valentia e magnanimidade cavalleirosa. — Os cabos de Trafalgar, ao norte, e d'Espartel, ao sul, formam a entrada occidental do estreito, que se vae apertando a ponto de não ter mais de quatro leguas de largo, em frente de Tarifa; — e os montes *Calpe* (de Gibraltar), e *Abyla* (de Ceuta) servem d'umbras á entrada oriental — e abalizaram por muito tempo a civilisação do mundo romano, que o Mediterraneo só em si continha, depois de haverem sido, talvez por largos seculos, o tormentorio de marreantes affeitos e experimentados.

C. Lagrange.

(Continuar-se-ha.)

A POLKA.

3182 Não ha ninguem da *boa roda* que não tenha ouvido fallar da *polka* — e que não tenha fallado da *polka*. Em todas as casas do *tom* se toca a *polka*: todos os armazens de musica vendem a *polka*: e todas as amigas pedem umas ás outras a *polka* para aprenderem: em fim, a *polka* já está entre nós aclimada sem ainda cá ter chegado. Pois bem, este *desiderandum*, a dança maravilhosa dos salões de Paris, dos theatros de Paris, o assumpto dos *vaudouilles* de Paris — acaba de chegar. E' mais uma importação que nos vem da França furtada aos direitos, apesar de toda a fiscalisação da alfandega: tambem não acreditamos que fosse genero de se achar na pauta, nem com que se intendesse a sua *commissão permanente*.

Além de dois cavalleiros ultimamente chegados de Paris, que foram tão felizes que tiveram a fortuna de aprenderem lá a *polka*, chegou tambem o *directorio*, *indicador*, *marcas*, ou como lhe queiram chamar, para instrucção d'este portentoso dançavel, e o Sr. Ze-

noglio dá-se pressa a pô-las em exercicio: até sabemos de duas ou tres *venturosas* que já dão lições da *polka*. Presentemente não ha coisa mais necessaria. E' o complemento d'uma educação seguida com esmero e aproveitada com gôsto: é para a sala como a *bandoline* para o toucador. . . . duas coisas da primeira utilidade. Felizes os mortaes que dançam a *polka*! Quando o mundo estiver todo *polkalisado* o genero humano tocou a perfeição!

¿ Mas o que é a *polka*? E' isso justamente o que vamos dizer, com o gôsto de contribuirmos de certo modo para a cabal instrucção dos *polkistas*; que seria uma grande falta — uma vergonha — apresentarem-se nas salas do mundo *elegante* fallando na *polka*, e talvez dançando á *polka*, sem saberem o que é a *polka*. Fariamos acinte ás *venturosas* e aos *elegantes*, sabendo o que é e não lh'o dizendo. Demo-nos para isso a profundo estudo, para lhe descobriremos a etymologia, e indagarmos-lhe a historia. Eis-ahi uma e outra coisa.

A palavra *polka* quer dizer polaca. Os polacos chamam ao paiz *polska*, e *polka* ou *pulk* foi tambem o nome d'um regimento da Polonia. A dança que hoje chamam assim é conhecida n'aquelle paiz pelo nome de *mazurek*, que vem de *Mazawia*, um dos mais bonitos logares da Polonia. Todas as arias nacionaes d'este povo desditoso teem um caracter peculiar, festivo ou de melancolia, que se não confunde com nenhuma outra musica. A *mazurek* é a menos antiga d'estas arias mas o typo de todas as suas danças. O compasso da *mazurek* é em tres tempos; o seu movimento varia muitas vezes, e exprime admiravelmente os sentimentos suaves e ternos, ora graciosos, ora patheticos, ora vivos, ora risonhos; as figuras e passos são uma serie de movimentos complicados, com certo systema de voltas, com menos rapidez do que a valça, á cadencia d'um motivo em *notas picadas* em valores desiguaes, que requerem grande energia e leveza para a boa execução.

As principaes figuras são a *roda*, a *troca dos paizes*, e a *cadéa*.

São a dança e canto mais predilectos dos polacos. Por ultimo, apesar do que muita gente pensa, nada tem de voluptuoso; é certo que os francezes, que transtornam tudo que lhes cae nas mãos, lhe tiram muito da sua singeleza popular. Cada mestre de dança se arvorou em legislador da *polka*, de maneira que a principio foi uma anarchia dançante nas assembléas de París. Mas ultimamente a celebre dançarina Maria Dumilatre dançou a *polka* na *Grande Opera*, e fez tamanho *furore* que a sua maneira de *polkar* ficou definitivamente adoptada. Esperamos que Madame Mabile queira ser tambem a nossa legisladora da *polka*, assim como é o iman dos nossos olhos, e que emvez de nos *krakoviar* até á saciedade, nos *polkalise* antes eternamente.

Com effeito era já tempo de uma reforma na dança. O romancismo devia invadir tambem os dominios de Terpsichore. A classica dança já enfastiava por monotona, e a valça já estava mais caduca que o minuete da côrte. Terpsichore imperou tempo em demasia, foi a deusa da Grecia que mais custou a desalojar, mas finalmente *elle s'en va*, graças ao influxo do norte, d'onde tem vindo as reformas em todos os tempos, desde a politica, com os saxonios e os godos; da religião, com Lutero; da jurisprudencia, com

Grocio; da philosophia, com Kant; da astronomia com Copernico; da historia natural, com Linneu; da medicina, com Bichat; da litteratura, com Tieck; da poesia, com Goethe; da historia, com Herder; da musica, com Mozart; até a da dança, com a *polka*

Pois viva a *polka*! e não *polkalizemos* mais com os leitores. Silva Leal.

NOTICIAS.

AMARGOSOS FRUCTOS DA INCONSTANCIA.

3183 UM moço do concelho de Almada galanteava ao mesmo tempo a tres donzellas convisinhas, todas de familias pobres e plebéas como elle. O jogo d'estes tres ciumes feminis deveu necessariamente de produzir lances curiosos: alguns nos foram relatados mas não nos toca repetil-os: uns amores são já um estado violento; tres são para fazer dar volta a qualquer cabeça, por mais solida que seja, se não trouxer turbante: antes que tal lhe acontecesse, determinou-se muito depressa o nosso *Lovelace* transtagnano em se cazar: não foi talvez só o coração, mas tambem certas circumstancias urgentes as que o decidiram na escolha: antes de nove mezes e até antes de septe, já havia subido de esposo a pae; e o filhinho era lindo, e a mulher era affectuosa e trabalhadeira e a casinha prosperava e elle parecia feliz; e era-o quanto o póde ser, quem deixou apóz a si dois zelos feminis accesos por sua mão.

Pelos fins do mez passado, poucas horas o expulsaram d'este paraíso para um valle de lagrimas sem fim. Saíra elle para o trabalho; a mãe, depois de cevar de leite e beijos o pequenino, deixára-o adormecido no berço e saíra tambem para ir lavar roupa: — quando o homem se recolhe a casa para jantar, acha o menino feito pedaços; corre como doido para a lagôa, onde deve estar o unico objecto precioso que lhe resta, e dá com a mulher afogada.

¿ Qual foi a mão infernal que afogou a ovelha depois de ter esquarterado o cordeiro? — Sabe-o Deus; mas descobril-o-ha elle á justiça dos homens!

DEFUNCTOS VIVOS.

3184 ESTÃO os livros de medicina legal cheios de terriveis historias de mortes apparentes; — e é uma verdade atroz, que a ignorancia tem dado involuntariamente o supplicio das vestaes a muitas pessoas.

Um official da nossa marinha, o Sr. Antonio Pio dos Sanctos, fallecido de véras ha poucos annos, duas ou tres vezes havia sido já reputado defuncto; e uma d'ellas no Rio de Janeiro chegou a ser amortalhado, mettido no esquife, condusido para a igreja, e deixado sobre a tarimba para no seguinte dia, depois do officio de corpo presente, ser lançado á sepultura: recobrou de noite os sentidos ao clarão de quatro tocheiros, que allumiavam a sua insolita cama, reconheceu onde estava, e facilmente adivinhou o porquê: — desatou-se mãos e pés: forcejou por abrir a porta da igreja, e, frustrado n'esse empenho, voltou a passar o restante da noite, estirado no seu esquife, onde tão regalado e profundo somno o tomou, que só o estrondo do cantochão á roda d'elle pela manhã, é que o póde despertar: — senta-se: — os clérigos e o

povo desarvoram atemorizados, e eil-o aqui de novo só no templo, mas d'esta vez com dia claro e as portas abertas: — embrulha-se na sua mortalha o mais elegantemente que sabe, e corta para a casa, onde a sua presença faz succeder aos prantos da espôsa e familia o terror; ao terror o alvoroço da alegria; e a tudo isto o mais agradável almôço posthumo que jámais se comeu.

No carneiro sotoposto ao adro de S. Roque de Lisboa, carneiro que já hoje não existe, passou-se (como nol-o contou pessoa não macróbia, que ainda d'isso se lembra) outro drama semelhante, porém de menos alegre desenlace. — Ouviram-se um dia gemidos subterraneos que de lá vinham, sentiram-se pancadas na afferrolhada porta ao cimo das escadas lugubres: ninguem se affoitou a abril-a: as pancadas cessaram: emmudeceram depois os gemidos; não se sentiu mais nada: não se tornou mais a pensar em tal. — Quando dias apôz se desceu, levando novo-hospede para aquelle palacio da morte, viu se, sentada sobre um esquite, com a cabeça encostada ao braço, o rosto voltado para uma das estreitas frestas abertas nos degraus do adro, uma rapariga que se não levantou nem se demoveu com a invasão dos seus domínios: desenganada de que o mundo a não queria retomar, exaustas, provavelmente, as forças, fôra sentar-se amortalhada a esperar pela morte a sós dois dedos de distancia do ar, da luz, e do mundo dos vivos, pela morte da fome, da sede, do desamparo, do frio, das trevas, das saudades, das invejas, do terror, e a morte espantada a achára e a deixára alli: até que vieram mãos humanas derrubá-la de cima do esquite alheio para dentro do seu, onde o palmito e a capella que lá deixára a esperavam. A expressão do seu rosto amarello e olhos abertos era indefinível.

De proposito assentámos em revocar ás memorias ambos estes factos já de annos, por vermos que ainda hoje, algumas vezes se transcuram as necessarias cautellas para verificar a morte antes de se ella tornar irrevogavel: e eis-aqui uma prova colhida do Diario do Governo de 10 do corrente.

« No concelho de *Ferreira do Zezere*, na noite de 24 de junho foi accomettida de um ataque de epilepsia uma rapariga de 16 annos; — a doente ficou por morta, e oito horas depois a fazia conduzir e acompanhava ao cemiterio o pae, que no estado de embriaguez, em que se achava, não percebeu os signaes de vida, que por vezes manifestára a supposta fallecida; — chegada ao cemiterio, o parochinho reconheceu que havia ainda vida, e oppoz-se ao enterro, — foi logo advertido o administrador do concelho, que tomou as devidas providencias; — fez immediatamente chamar um medico, e administrar soccorros á doente; mas a infeliz, posto que á prudencia do parochinho devesse o escapar de ser enterrada viva, succumbiu todavia no dia 26. — As auctoridades competentes mandaram proceder nos termos da lei, para se verificar se o pae merece imputação pelo seu estranho procedimento. »

BIBLIOTHECAS PUBLICAS.

3185 A pouco e pouco se hão-de ir remediando, quanto ainda for possível, os estragos que na materia prima da instrucção, nos livros, causou o nosso po-

litico terremoto. Algumas bibliothecas publicas vão trabalhando por se organizar, e precaver da ruina o remanescente, ainda assim copioso, das muito desaproveitadas e muito roubadas livrarias dos conventos. Oxalá que a principal, a de Lisboa, chegue breve a ter meios para sair da consumidora catacumba onde jaz para logar mais vital, mais do mundo e da luz e mais digno d'ella.

A de Evora, graças ao incançavel zêlo do seu benemerito e eruditissimo bibliothecario, essa, superadas mil difficuldades, vae já vingando o apice da perfeição que lhe é possível attingir. Pelos fins do mez passado se concluíram as estantes novas: dentro em pouco todos os livros estarão no seu logar ordenados e os respectivos catalogos findos.

E Braga? attento o grande tráfego litterario, que hoje nos consta haver n'aquella cidade, fomentado principalmente pela presença do lyceu, é de esperar que o exemplo de Evora a estimule para imitação: cada anno de demora occasiona perdas irreparaveis.

MATRICIDIO.

3186 Um rustico pondo sobre a meza uma garrafa de vinho, recommenda a sua mãe, que lhe não bula que é para o seu jantar: sae e quando volta, acha a garrafa por meio; cega-se, arrebatá uma cadeira, descarrega-a sobre a cabeça da desgraçada velha; deixa-a por morta e foge.

Aconteceu isto no *Barreiro* a 15 do corrente. No mesmo dia se mandou chamar a toda a pressa um padre de Lisboa para a confessar, que ainda a achou viva, mas com poucos signaes de escapar.

AMANTECIDIO E SUICIDIO POR AMOR.

3187 Um soldado do batalhão naval galanteava, para casamento, a certa moça, empregada em enrolar charutos na fabrica do contracto em Alcantara. Com razão ou sem ella, começára, havia tempos, a ser zeloso; quem diz zeloso diz louco, diz sujeito a todos os tormentos e predisposto para todos os crimes: os ciumes tinham chegado ao seu auge: — no dia 9 pela manhã, quando a sua charuteira, ou mais exactamente a charuteira, se encaminhava para a fabrica em companhia de outras, elle, que a esperava no meio de umas terras, por onde era o transito e que já a havia ameaçado com a morte, deixa-a passar sem lhe dizer coisa alguma, e, apenas a vê a distancia de poucos passos, lhe desfecha pelas costas uma pistola carregada de escumilha: aos gritos da ferida e das companheiras accudiu quem n'o prendesse; — elle tambem não fugiu.

Havia poucas horas que jazia no calabouço do seu regimento, quando abi se ouviu um tiro, e o acharam estendido e lavado em sangue. A mesma pistola, com que tentára varar o coração infiel, e que elle teve o cuidado de levar escondida no cano da bota, lhe havia servido para se livrar do seu amor, dos seus zelos e dos seus remorsos. Faltava-lhe só a balla: dois botões da sua fardeta lh'a suppriram: ambos lhe haviam atravessado o peito, e n'este deploravel estado foi conduzido para o hospital da marinha.

LIVROS VENENOSOS.

(Carta.)

3188 Um sacerdote com boas partes de virtude e sisudesa pediu a um seu conhecido certo livro, que tractava do modo d'alcançar a salvação; o livro encarecia tanto os sacrificios indispensaveis para tal fim, extrayagava tão por fóra dos preceitos da propria conservação, que o leitor se encheu de excessivo zelo e fanatismo, passou logo á desesperação; e a final jaz inteiramente alienado, não péde senão que o deixem ir para um deserto, para se lá supliciar a si mesmo de não ter sabido conformar a vida com aquelles austerissimos dictames, e não sonha nem cogita senão em infernos e demonios. Mal haja quem semelhantes obras permite, que por seu fanatismo são tão anti-christãs e anti-religiosas, tão prejudiciaes e tão absurdas como as proprias impiedades dos espiritos fortes. J.

GALARDÃO DE SERVIÇOS Á PORTUGUEZA.

3189 EM o nosso artigo 3029 fallando na *Memo-ria sobre o Plano Inclinado*, pelo Sr. M. L. dos Sanctos, chamámos a este, constructor d'*Armada*, suppondo que ainda exercia este cargo: desde que nos intendemos, sempre assim o ouvimos nomear; sendo grande a sua fama não só em Portugal, mas em Arsenaes do Brasil, onde trabalhou em quanto o Brasil era portuguez.

Pela carta porém que abaixo inserimos, nos adverte o Sr. Santos que havemos caído em erro, porquanto em 1835 fóra demittido d'este lugar, e bem assim da sua patente de capitão-tenente!! O motivo foi ter este antigo engenheiro, concertado e aparelhado a esquadra de D. Miguel. Se outro não houve (como temos rasão para acreditar) grave injustiça se praticou, pois semelhantes trabalhos os deveu fazer o Sr. Santos por obrigação do seu officio.

N'um mui cabal requerimento (cuja cópia acompanha a carta refferida), narra o Sr. Santos a S. M. toda a sua historia civil e politica, com a enumeração dos serviços que tem prestado ao Estado por espaço de *trinta e tres annos*, como engenheiro constructor do arsenal da marinha, concluindo por pedir que lhe faça a justiça de o restituir ao seu lugar e patente. Este requerimento tem a data de 12 de outubro de 1842!... em que foi entregue ao Ministro competente, sem que até agora houvesse deferimento.

Quando não bastassem para abôno da petição d'este benemerito official, os trinta e tantos annos de serviço, n'uma profissão tão laboriosa e transcendente — é-lhe grande documento para o bom despacho, a sua antiga e incontestada reputação como engenheiro constructor, o seu talento fecundo e activo pelo qual adquiriu, quando andou estudando nos estaleiros de Inglaterra, uma patente, pela invenção de uma machina naval, a que deram o nome do seu Auctor; a construcção do *Berço Naval*, das *pópas militares*, o invento de machinas para *Plano Inclinado*, etc., tudo provas da sua pericia e dedicação.

Com taes documentos, que não se adquirem graciosamente, nenhum governo sabio, illustrado, constitucional, que é dizer tudo, ao qual só cumpre attender aos meritos e talentos, pôde deixar de fazer justiça ao pretendente, e confiámos em que o Minis-

tro respectivo não retardará mais um despacho que se sollicita com tanto direito e meritos.

Eis-aquí a rectificação que intendemos dever fazer.

(Carta)

Agradeço extremamente a V. a recommendação que se dignou fazer, no seu excellente e tão auctorizado jornal, da empresa em que estou empenhado, de estabelecer em Portugal os *Planos Inclinados*, para evitar os riscos e delongas das querenas e concertos das embarcações feitos no mar. Estou convencido de que hei de achar apoio em todos os homens sollicitos pela prosperidade e adiantamento da nossa patria e o que já recebi, na approvação e louvor que a *Revista* — valente auxiliadora dos interesses nacionaes, — se dignou dar-lhe, me anima muito para arrostar todos os contratempos que entre nós se encontram para fundar semelhantes empresas.

Agora rogo a V. um novo favor, que é o de rectificar uma equivocação que notei no referido artigo que tanto me lisongeou, qual a de que sou *Constructor da Armada*. E' verdade que o fui por trinta e tantos annos, até que em 1835 me demittiram do lugar e patente! Essa historia consta do requerimento que fiz a S. M. e de que remetto copia a V. para evitar o referir-a aqui. D'esse requerimento que entreguei ha quasi dois annos ainda não tive despacho — tambem não o tenho instado nem mettido empenho, porque me fio na minha justiça. Esperarei que m'a façam.

Peço a V. se digne fazer esta minha declaração para que se não pense que já estou reintregado (como muitos outros) quando tal não ha.

Sou etc.

Manuel Luiz dos Sanctos.

BURRA COME DINHEIRO.

3190 EXTRAIMOS do *Diario do Governo* de um dos chistosos artigos, que o nosso collaborador e amigo, o Sr. Silva Leal, alli começa a publicar, sob o titulo de *Chronica Lisbonense*, o seguinte: —

« Em certa quinta dos suburbios d'esta cidade ha um caseiro que assiste na pobre casinhola da mesma quinta, cuja alcova é contigua ao espojadoiro d'uma jumenta, que tambem alli come, e dorme. A sociedade não era d'appetite, mas tambem ninguem poderia recear que fosse perigosa; com tudo o desgraçado caseiro vivia em companhia d'um ladrão — d'um ladrão de dinheiro, como não ha duvida. »

« Acabava o convalescente caseiro de se levantar d'uma grave enfermidade, restavam-lhe apenas umas sete moedas, modesto fructo de todas as suas economias, que o bom do homem se dispunha a vir trocar á cidade, para com os soantes cruzados novos, se abalar para a sua terra; reformando ao mesmo tempo o seu passaporte, cujos dias marcados lhe fizera expirar sem uso a sua doença. »

« Passaporte e notas, tudo o nosso caseiro poz em cima de quatro taboas de pinho á laia de mesa, depois de os haver tirado da gaveta da sua cômmoda onde a sete chaves os tinha cautelosamente guardado, enquanto escovava e vestia a sua domingueira jaqueta. Quiz a sorte que a mesa ficasse por baixo d'uma abertura que ha na parede justamente fronteira á manjadoura da burra. Seria curioso de observar se esta alimaria terá a *bossa* da leitura; infelizmente o caseiro não era phrenologo... mas o caso é que

curiosa como todos os animaes fêmeos, a burra estendeu o pescoço apenas viu os papeis, cheirou-os, naturalmente arreganhou os dentes se lhe cheiraram a dinheiro, que é coisa que faz rir ainda mesmo os brutos; resolveu no seu asinino bestunto ser duas vezes burra, e tragou as notas do desventurado caseiro. . . Quando este lhe quiz acudir era já tarde, e para maior desgraça teve o desgosto de vêr as suas queridas notas revolverem-se e sumir-se entre as faucees da avarenta burra, sem lhes poder valer! «

« Um curioso d'etymologias sustenta que todas as burras são golosas de dinheiro e que d'ahi veio o de nominarem-se tambem burras os cofres onde elle se guarda. Como quer que seja, o facto é certo: quem quizer que o moralise, «

PRESO ARCAEUSADO.

3191 « JUNTO a Rio de Loba, freguesia rural do concelho de Vizeu, acaba de se perpetrar um assassínio execravel. No dia 23 de junho uma escolta de cabos de policia conduzia prezo para as eadêas da cidade João Ribeiro Queiriga; — ao passar defronte de um pinhal, uma descarga sobre a escolta põe em fugida os cabos de policia, e o preso é passado de ballas e de bayonetadas! Foram capturados quatro individuos, sobre os quaes recaem suspeitas de cumplicidade no crime, que se attribue a odios particulares. »

Eis-aqui tudo quanto a este respeito nos refere o *Diario do Governo*. Ousaremos com o devido respeito lembrar áquella — muito instruida — redacção, que as noticias policiaes tão succinta e incompletamente expostas, como hoje costumam vir na sua folha, nem satisfazem a natural curiosidade dos leitores, nem lhes dão logar para fazerem por si mesmos reflexão alguma proveitosa. quando muito, servirão como elementos para futuros mappas estatísticos da criminalidade, ainda assim muito imperfeitos.

Esta falta longe estamos de a attribuirmos aos redactores, cuja capacidade até por longo tracto conhecemos: elles publicam (julgamos nós) as informações que os governos civis enviam ao respectivo ministério; mas cumpriria solicitar dos exm.^{os} governadores civis, que as mandassem elles mais circumstanciadas, mais em estado de podorem ser lidas com attenção e aproveitamento.

Na mesma folha, por exemplo, d'onde acabamos de extractar este inutil bosquejo, se lê o seguinte: —

« No concelho de Vouga falleceu subitamente um individuo de excesso de embriaguez. »

« Em Oeiras houve uma tentativa de suicidio da parte de um alienado, que se lançou ao mar, d'onde o foram salvar para ser entregue á familia. »

« Pelas patrulhas da guarda municipal foi capturada Carlota Maria, criada de servir, que sem licença de seu amo havia introduzido em sua casa Manuel Francisco, soldado de caçadores n.º 2. »

Correndo os numeros precedentes, poderiamos reproduzir muitos, ainda mais flagrantés, documentos da razão, que nos suggere a nossa respeitosa súpplia, — Toda a vez que na relação de um crime ou de uma desgraça não vem, mais ou menos clara, uma semente de virtude ou de felicidade para quem lê, malbaratou-se o papel, a tinta e o tempo, que po-

diam ser empregados melhor em coisas solidas ou ainda em coisas meramente divertidas.

Estas reflexões, que, sem a mais leve intenção de affrontar, tomamos a liberdade de dirigir ao *Diario do Governo*, com igual propriedade se poderiam applicar a muitos outros periodicos portuguezes.

ESPIRITOS INFLAMMAVEIS

3192 DE Braga nos escrevem que estando a 2 do corrente n'aquella cidade uma senhora a destillar licores, saltou o fogo no álcool e tão rapida e violenta foi a combustão, que a imprudente operadora não teve aso para fugir: ficou tão abrasada, que, dentro em seis dias, expirou.

A RAINHA SANCTA DESENTHRONISADA.

(Carta.)

3193 O DIA 4 de julho, que em Estremoz foi sempre de pomposa recordação, dedicado ao culto da gloriosa Rainha Sancta Izabel, lá se foi callado e triste para o cemiterio do passado. Apenas a piedade de poucos extremosenses, que concorreram, conseguiu que as portas do templo se abrissem; Quantas lagrimas ahí se não vertêram de corações magoados! Sem fructo hão sido os rogos, as supplicas da municipalidade, os requerimentos dos devotos: tudo, a avaresa tem desattendido: e a mãe, e protectora dos povos, a Rainha Sancta dos portuguezes, sem culto, no logar do seu venturoso transitio! ; Despresado o solemne voto, que se lhe prometeu, na crise mais arriscada da nossa independencia, e redusida a carcere d'esmolos o simbolo da generosidade! Nem missa houve na sua capella!!! Mas o clero extremosense ainda deu provas da sua gratidão; e movido de piedade, sem pompa, sem fausto, e só com sincera devoção, alli assistiu á missa conventual, que o prior da freguezia celebrou; e os dias do oitavario foram edificantes, pelo concurso, sempre numeroso, dos devotos de toda esta provincia, que mediante os subsídios dos que se teem empenhado em franquear as portas do templo, n'elle achavam a Mãe commum dos povos, para ser sua valedora nas immensas necessidades, para que se solicitava o seu patrocínio; que feia ingratidão para com uma Sancta Rainha, que foi o iris da paz e o exemplo de todas as virtudes, e uma das joias mais resplandecentes da corôa d'este reino!

Extremoz 6 de julho. De V. etc.

de 1844.

Francisco Maria da Silveira Torres.

TESTIMUNHO DE GRATIDÃO.

3194 Nos amargurados dias em que Deus descarregou o seu tremendo poder sobre a Villa da Praia da Victoria, e a reduzia a ruinas por meio de um horroroso terremoto, ergui eu a minha debil voz para levar a noticia de tão lastimosa catastrophe aos pés do throno da nossa idolatrada rainha, a Sr.^a D. Maria 2.^a, ao conhecimento dos seus ministros, do povo portuguez, e em geral ao de todas as nações.

A sensibilidade e a commiserção das almas bem fazejas foram fortemente despertadas pela narração de um acontecimento, que offercia o pungente quadro de temerosos lances, de consternadora miseria, e de afflictivos desastros. — A terra abalada nos seus eixos,

tremendo com pavoroso estrondo, enfiada, e convulsa; as moradas dos homens sacudidas dos seus alicerces, e aniquiladas em um momento, como se innumeras baterias lhes arremessassem os estragos do canhão; creaturas humanas vagueando pelas campinas sem tino, aterradas, e sem azilo: — tudo isto se affigurou á imaginação de quem ouviu o neutristissimo brado, e logo depois de correrem lagrimas da mais ardente sympathia, cada um se deu prèssa em prestar soccorro ás victimas d'aquelle phenomeno horrivel e devastador.

A carinhosa mãe dos portuguezes, a excelsa rainha, e o seu augusto esposo, não tardaram em franquear os seus particulares cofres, d'onde tantas esmólas tem saído para infelizes; os corpos legislativos, e os sabios ministros da adorada soberana deram zelosos e sem perda de um momento as providencias que o caso pedia: e de um extremo ao outro de Portugal, e em diferentes pontos do globo se abriram os thesouros da beneficencia, de sorte que muito em breve, nas azas da caridade christã, nos vieram através do Oceano avultados donativos, abundantes soccorros.

Graças á generosidade inaudita de tantos e tão compassivos bemfeitores, eis ahi renascêram formosas e louças todas essas povoações, que ainda ha pouco desafiavam o pranto da compaixão, e apresentavam o espectáculo da solidão do deserto, aggravado mil vezes pela impressão melancolica das ruinas que as alastravam.

Eu fui testemunha dos horrores do fatal acontecimento — coube-me o penoso dever de o fazer publico, e de chamar a attenção do meu paiz sobre a misera sorte dos prejudicados; mas agora, por uma compensação benéfica da providencia, incumbem-me tambem a deliciosa obrigação de agradecer os effeitos da singular philantropia, que por todo a parte se desenvolveu em beneficio dos praienses e dos seus companheiros na desventura.

Por mim pois, e em nome de todos os moradores da Ilha Terceira, que receberam soccorros por occasião do terremoto de 13 de junho de 1841, venho hoje testemunhar a todos os bemfeitores a nossa profunda gratidão, protestando que em nossos corações fica gravada para toda a vida a suave lembrança dos beneficios recebidos.

Accitae, ó almas generosas, este mesquinho tributo dos nosso reconhecimento, enquanto nós supplicamos ao Todo Poderoso que vos conserve a vida, e vos liberalise as venturas que mereceis, como galardão dos grandiosos actos de caridade que praticastes.

Angra do Heroismo 15 de maio de 1844.

O governador Civil
José Silvestre Ribeiro.

O PARTO DA MONTANHA.

3195 ERA noite escura no sabbado ultimo: um murmurinho de povo entupia parte da rua dos Cavalleiros: — já de diversas partes accudiam patrulhas municipaes; — um açougue parecia ser o centro de todo este reboição: á porta do açougue via-se um homem com uma luz na mão: — os que vinham chegando perguntavam, os outros perguntavam tambem ou respondiam, *ad libitum*: — já no zumzum publico vagavam as mais encontradas, as mais lugubres va-

riantes de um facto que estava alli, mas que ninguém conhecia ainda ao certo. Segundo uns, era um homicidio que se acabava de commetter, segundo outros, o cortador vendia bofes de cavallo e miolos de gente: — fallava-se tambem de creanças esfoladas. Mas a luz? o homem, que tinha a luz na mão e que da banda de fóra do açougue se demorára um largo espaço com o rosto virado para a parede, acabada a sua obra, voltou-se para os espectadores e lhes mostrou o verdadeiro motivo que tantas attentões lhe attraíra, e que no fundo do seu coração muito estimava que fosse por todos conhecido: estivera a escrever com giz e com o maior escrupulo e apuro calligraphico certa alteração, que tinham feito, para menos, no preço da vacca e do carneiro: os netos dos espectadores do homem das botas desfecharam a rir de si mesmos com tão boa gana, como todo o mundo o havia feito das venerandas pessoas de seus avós.

UM INGLEZ A FAVOR DOS PORTUGUEZES.

3196 Não é possivel ler sem admiração e affecto quasi agradecido o opusculo, que no Porto se acaba de imprimir, composto em inglez por Mr. Isles Smith com o titulo de *Observações sobre o decimo quarto relatorio ao conselho privado do commercio de S. M. B. por Mac-Gregor.*

Nada mais cruelmente falso, mais indisculpavelmente absurdo que o tal decimo quarto relatorio de Mr. Mac-Gregor. Quanto aos factos nas relações commerciaes de Inglaterra com Portugal mentiras do mais opprobrioso impudor; quanto ao que é a nossa terra, a nossa gente, os nossos costumes, erros voluntarios, que seriam pueris se não fossem depravadamente malevolos; que seriam de palmatoada senão fossem de cajado; quanto ás tendencias, o mais villão desfavor para com esta perenne mina britannica chamada Portugal, e o mais visivel empenho de acabar de arruinar-nos a nós incorregiveis consumidores da sua industria, preferindo aos nossos vinhos os da França,

A todos estes despropositos accode generosamente Mr. Isles Smith, commerciante britannico na cidade do Porto. Bem haja: mostra-se tres vezes nobre: nobre como amigo da verdade; nobre como amigo da terra onde vive; nobre como vingador da terra onde nasceu, porque se contra aquellas vilanias de um inglez, nenhum inglez se levantasse a pulverisal-as, bem miseravel idéa daria isso de toda a nação, e a Providencia já não poderia fazer melhor obra que lambar com um conisco os tres reinos da superficie dos mares. O opusculo do Sr. Isles Smith pela sua moderação, pela sua veracidade, pela sua philosophia merece ser tão estimado em Inglaterra como entre nós. O *Diario do Governo e o Periodico dos Pobres no Porto* já o publicaram em vulgar; outro tanto fariamos nós, mas não o podendo, recommendamos aos nossos leitores o procurem n'aquellas duas folhas.

ERRATA.

Pag. 564 — col. 1.^a linha 43 emvez de *bois* leia-se *boias*. Na mesma pagina, mesna columna, linha 48 — onde está *se balão descia uma parte* deve estar *se o balão descia, uma parte*, etc.

Pag. 568 linha 52 — onde está *encontra-se* deve lêr-se *concentra-se* Pag. 569, linha 1.^a — onde está *havemos*; deve lêr-se *houvemos* — linha 5.^a e mesma rota deve lêr-se *a mesma rota*.

Pag. 572 — columna 1.^a — linha 15 escapou em alguns exemplares — 0000 — em vez do numero — 3111.

